

A perspectiva
metodista para
a unidade cristã

**PARA QUE
TODOS
SEJAM
UM**



**COLÉGIO EPISCOPAL
DA IGREJA METODISTA**

PASTORAL DOS BISPOS E BISPA METODISTAS

PARA QUE TODOS SEJAM UM
A perspectiva metodista para a unidade cristã

Agosto - 2009

PARA QUE TODOS SEJAM UM

Colégio Episcopal da Igreja Metodista

Agosto 2009 - versão eletrônica



COLÉGIO EPISCOPAL

Bispo João Carlos Lopes - Presidente
Bispo Luiz Vergilio Batista da Rosa - Vice-Presidente
Bispo Adonias Pereira do Lago - Secretário
Bispo Adolfo Evaristo de Souza
Bispo Adriel de Souza Maia
Bispa Marisa Freitas Ferreira
Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann
Bispo Roberto Alves de Souza
Bispo Geoval Jacinto da Silva
Bispo João Alves de Oliveira Filho
Bispo Josué Adam Lazier
Bispo Nelson Luiz Campos Leite
Bispo Paulo Ayres Mattos
Bispo Richard dos Santos Canfield
Bispo Rosalino Domingos
Bispo Stanley da Silva Moraes



GRUPO ACESSOR PARA A ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO

Bispo Roberto Alves de Souza
Revda. Amélia Tavares
Rev. José Carlos Peres
Dra. Magali do Nascimento Cunha
Rev. Marco Antonio dos Santos
Rev. Paulo Dias Nogueira



SECRETÁRIO EXECUTIVO DO COLÉGIO EPISCOPAL

Bispo Stanley da Silva Moraes



SECRETÁRIA EXECUTIVA PARA VIDA E MISSÃO

Revda. Joana D'Arc Meireles



ASSESSORIA NACIONAL DE COMUNICAÇÃO

Suzel Tunes



PROJETO GRÁFICO E TEXTO DE REFERÊNCIA

Hideíde Torres (MTb/SP 35.784)



SEDE NACIONAL DA IGREJA METODISTA

Av. Piassanguaba, 3031

Planalto Paulista - 04060-004 - São Paulo - SP

Fone: (11) 2813.8600 Fax: (11) 2813.8632

Site: www.metodista.org.br

E-mail: sede.nacional@metodista.org.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
POR QUE SE FALA EM "ECUMENISMO" AO TRATAR DE UNIDADE CRISTÃ?.....	13
O QUE É O MOVIMENTO ECUMÊNICO?.....	17
A UNIDADE CRISTÃ É DESEJO DE DEUS?.....	23
O QUE ESTE ASSUNTO TEM A VER COM SER METODISTA?.....	31
POR QUE HÁ TANTA DIFICULDADE COM ESTE ASSUNTO?.....	41
COMO A IGREJA METODISTA NO BRASIL DEVE TRATAR O TEMA DA UNIDADE INTERNAMENTE?.....	49
COMO A IGREJA METODISTA NO BRASIL DEVE TRATAR O TEMA DA UNIDADE COM OUTRAS IGREJAS CRISTÃS?.....	53
COMO A IGREJA METODISTA NO BRASIL DEVE TRATAR O TEMA DA UNIDADE COM ORGANISMOS ECUMÊNICOS?.....	57
COMO A IGREJA METODISTA NO BRASIL DEVE TRATAR O TEMA DA UNIDADE COM ORGANIZAÇÕES GOVERNAMENTAIS E NÃO-CRISTÃS?.....	61
COMO AS LIDERANÇAS METODISTAS NO BRASIL, CLÉRIGAS E LEIGAS, DEVEM SE POSICIONAR QUANDO FOREM CONVIDADAS/DESAFIADAS A PARTICIPAR DE REUNIÕES, CULTOS E CELEBRAÇÕES PÚBLICAS?.....	69
APÊNDICE: COMO A IGREJA METODISTA NO BRASIL DEVE SE RELACIONAR ESPECIFICAMENTE COM A IGREJA CATÓLICA ROMANA?.....	71
GLOSSÁRIO.....	81

APRESENTAÇÃO

"Estas coisas vos escrevo para que a nossa alegria seja completa." (1Jo 1.4)

Nosso compromisso com Deus é o de "espalhar a santidade bíblica por toda terra". Nessa perspectiva, afirmamos também nosso compromisso com a unidade cristã, para que o mundo creia. Assim sendo, apresentamos a vocês esta orientação pastoral.

Quando tenho uma relação sadia comigo e com Deus, não tenho problemas para dialogar com as outras comunidades religiosas. A vida sadia, santa, é sempre uma vida aberta aos outros seres humanos e é nela que alcançamos a "alegria completa". O poder do Evangelho vem do Deus que é amor. Ele olha para nós como pessoas a quem Ele ama.

Buscando tornar esta orientação de mais fácil utilização, estabelecemos nela algumas novidades. Assim, as inserções nas laterais das páginas são ora referência a frases destacadas do texto, ora perguntas feitas para despertar a discussão nos grupos de estudos. Sugerimos que essas orientações sejam usadas para transmitir as informações deste documento na Escola Dominical, nos grupos societários, nos grupos de discipulados e outros. Seu objetivo é funcionar como uma metodologia de apoio para o aprofundamento do tema.

Tenha um abençoado estudo deste documento e que o mesmo produza frutos dignos do Reino de Deus.

BISPO JOÃO CARLOS LOPES
PRESIDENTE DO COLÉGIO EPISCOPAL

INTRODUÇÃO

Esta Pastoral, dirigida a todos os membros clérigos e leigos da Igreja Metodista no Brasil e a todas as pessoas de alguma forma relacionadas com esta parte do Corpo de Cristo, é uma versão revista e atualizada da primeira Carta Pastoral sobre este assunto, publicada em 1999. É a concretização do encaminhamento aprovado pelo 18º Concílio Geral da Igreja Metodista, realizado em 2006, resultante de intenso debate sobre o tema. Além de ter decidido pela retirada da Igreja Metodista de organismos ecumênicos em que a Igreja Católica Apostólica Romana participa como membro, assumindo uma crise no relacionamento formal com este ramo do Cristianismo, o 18º Concílio Geral admitiu a importância de um processo de reflexão e aprofundamento em torno do assunto.

Por isso, identificou a necessidade de uma revisão no documento de 1999 e optou pela formação de um Grupo de Trabalho, composto por pessoas que refletissem a diversidade de pensamentos na Igreja Metodista no Brasil relacionados com o tema. Esse GT assessoraria o Colégio Episcopal quanto às implicações dessas decisões.

A primeira versão da Carta Pastoral foi a realização de uma demanda do 16º Concílio Geral da Igreja Metodista (1997), para que a



Esta pastoral é uma versão revista e atualizada da primeira carta sobre o ecumenismo, lançada em 1999.



O 18º Concílio Geral assumiu uma crise no relacionamento formal com a Igreja Católica e a importância de um processo de reflexão e aprofundamento em torno do assunto.

teoria e a prática metodistas concernentes à questão ecumênica fossem claramente expostas e fundamentadas. Essa pastoral foi preparada e disseminada. É fato, porém, que, apesar das orientações desse documento, desconfortos manifestados por membros da Igreja Metodista, no que diz respeito à sua presença formal em organismos que também têm participação oficial da Igreja Católica Apostólica Romana, especialmente o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), levaram à articulação de propostas para a retirada da filiação a este organismo. A primeira foi apresentada no 17º Concílio Geral, em Maringá/PR, 2001, e, após ter sido a matéria amplamente discutida, o plenário votou favoravelmente pela permanência da Igreja Metodista no CONIC. Uma segunda proposta foi apresentada, desta vez ao 18º Concílio Geral, em Aracruz/ES, 2006, e a matéria foi aprovada, não sem muito debate e manifestações de divergências.

Isso reflete o fato de que, no Brasil, não há unanimidade quanto a esse assunto, nem dentro da Igreja Metodista e nem fora dela. Vários fatores podem explicar essa situação tanto na história passada quanto no tempo presente. Há muita confusão quanto à compreensão do princípio bíblico da unidade, denominado em épocas recentes "ecumenismo", e a compreensão da existência de formas diversificadas de tornar concreto este princípio, denominadas "movimen-



No Brasil, não há unanimidade sobre o assunto, nem dentro da Igreja Metodista, nem fora dela.

to ecumênico". Critica-se o princípio com base em visões negativas de algumas formas de concretizá-lo. É fato que a caminhada ecumênica mostrou-se não isenta de equívocos. Diversos grupos e pessoas, no afã de alcançarem a tão desejada reconciliação, chegaram a comprometer sua própria identidade confessional. Há, inclusive, quem pense que ecumenismo nada mais é do que a simples integração de credos diferentes. Sabemos e não podemos ignorar o fato de que no presente momento o termo "ecumenismo" tem sido usado de maneira controversa, suscitando sérias e graves distorções. Estamos firmemente convencidos de que nem tudo que é adjetivado de ecumenismo, particularmente na mídia secular e religiosa, reflete a nossa interpretação e prática ecumênicas. À vista disso, mais do que nunca, se faz necessário o "discernimento de espíritos".

É sempre bom assinalar que, ao repensar a sua compreensão e atuação em relação a esta temática, a Igreja Metodista não pode simplesmente deixar-se levar pelas pressões do momento, ignorando por completo o ensino bíblico e a sua própria trajetória histórica. Se, de um lado, é impossível desprezar a situação em que vivemos, tanto do ponto de vista social quanto religioso, por outro, não podemos restringir a ação pastoral da comunidade de fé àquilo que somente agrade ao "mercado religioso", isto é, às exigên-



A caminhada ecumênica mostrou-se não isenta de equívocos. O termo ecumenismo tem sido usado de maneira controversa.



PONDO EM PRÁTICA
Dialogue com seu grupo de estudos: De que maneira o ecumenismo ou unidade cristã tem sido usado de maneira controversa? Existem experiências disso em sua comunidade local? Que consequências houve? Teria sido possível realizar as mesmas ações de outra forma? Quais acertos existem? Que consequências eles trazem? O que Jesus faria em situação similar? Busque confirmação nas Escrituras.



Fidelidade à mensagem das Escrituras e coerência com a herança metodista são aspectos inegociáveis!



PONDO EM PRÁTICA
Quais são os desafios enfrentados pelo compromisso com a unidade cristã em sua comunidade? Quais são as possibilidades? Quais são os limites?

PARA QUE TODOS SEJAM UM

...cias predominantes em nosso tempo do que se espera que uma igreja faça e realize. Atender a estas exigências pode trazer benefícios, mas o preço que se paga, muitas vezes, com essa postura, é o sacrifício de nossa identidade. Afinal, fidelidade à mensagem das Escrituras e coerência com a herança metodista devem ser aspectos inegociáveis!

... Requer-se, na discussão sobre ecumenismo, disposição, mente e coração para discernir os desafios enfrentados pelo compromisso com a unidade cristã quanto às suas possibilidades, oportunidades, dificuldades e limites, à luz do mandato expresso pelo próprio Senhor Jesus na oração sacerdotal, na qual intercedeu ao Pai não só por seus discípulos, mas por todos que viessem a crer nele, quando disse: "A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles nós; para que o mundo creia que tu me enviaste" (João 17.21).

... Reconhecemos ainda que, como Igreja Metodista, não fomos capazes de aprofundar em nossas igrejas locais nosso diálogo sobre a compreensão e prática em torno da unidade do corpo de Cristo, apesar da Carta Pastoral de 1999. Isto contribuiu para gerar e renovar inquietações e incompreensões no seio de nossa Igreja. A falta de estudo do tema e aprofundamento para a prática, a começar da igreja local, é um problema que precisa ser superado no mais curto prazo.

O que importa, entretanto, é seguirmos adiante, tendo diante de nós as decisões tomadas. Seguir adiante significa traçar novos caminhos com base na nossa realidade, mas não lançar fora as significativas experiências de crescimento - na fé, na esperança, no amor - que o nosso contato com cristãos e cristãs de outros grupos e de organismos intereclesiais nos proporciona. Significa também não lançar fora nossas convicções teológicas, pois o compromisso pela unidade do corpo de Cristo somente pode ser levado à frente se por um lado, tivermos convicções fortemente alicerçadas em nossa herança wesleyana, e, por outro, estivermos plenamente conscientes dos problemas, das dificuldades e dos limites que o movimento ecumênico enfrenta na atualidade. O presente estado do ecumenismo não admite nem romantismos, nem leviandades e, muito menos, irresponsabilidades, quer doutrinárias, quer práticas.

Com base nesses princípios, convidamos todos os membros da Igreja Metodista, clérigos e leigos, em particular os que têm dificuldades em compreender a sua preocupação ativa pela unidade dos cristãos, a refletir seriamente sobre esse importante aspecto da nossa identidade cristã e confessional, por meio da leitura desta carta que ora apresentamos à Igreja. As bases firmadas na Carta Pastoral de 1999 não foram desprezadas; elas foram revisadas à luz das necessidades que se apresentaram pós-18º Concílio Geral, com um forma-



Traçar novos caminhos de acordo com a nossa realidade, sem lançar fora as experiências de crescimento.



As bases firmadas na carta de 1999 não foram desprezadas, elas foram revisadas à luz das novas necessidades do 18º Concílio Geral



PONDO EM PRÁTICA

*A carta afirma:
 “Não pretendemos
 abrir mão de
 nossas convicções
 nem fechar os
 olhos para as
 crises que enfren-
 tamos em torno
 deste assunto.” De
 que formas sua
 Igreja local e você,
 pessoalmente,
 podem assumir o
 compromisso
 responsável com a
 instauração do
 Reino de Deus,
 sem ignorar esta
 dificuldade ou
 quaisquer outras
 que houver em seu
 caminho? Como
 demonstrar
 maturidade?*

to pergunta-resposta e uma linguagem acessível a toda a membresia de nossa Igreja.

Repetimos que não pretendemos abrir mão de nossas convicções nem fechar os olhos para as crises que enfrentamos em torno deste assunto. Mas entendemos que o Senhor da história e da Igreja, nos chama para um compromisso responsável com a instauração do seu Reino. Nessa tarefa, nos juntamos a outros irmãos e irmãs que, apesar de sustentarem opiniões diferentes da nossa, demonstram idêntica motivação e paixão pelo Evangelho de Cristo. Trata-se da unidade na missão, através da qual estendemos a mão a todos quantos "têm o coração reto para conosco" (cf. 2 Reis 10.15).

POR QUE SE FALA EM "ECUMENISMO" AO TRATAR DE UNIDADE CRISTÃ?

Ecumenismo é o princípio da unidade cristã em torno dos elementos comuns da fé em Jesus Cristo. Implica atitudes de diálogo, respeito, convivência e colaboração na forma de atos de piedade (estudos bíblico, oração, jejum, reflexão e visitação) e de misericórdia (ações solidárias e de cidadania). Deve caracterizar-se como uma resposta à oração de Jesus: "que todos sejam um para que o mundo creia" (Jo 17.21). Portanto, a comunhão dos cristãos e das cristãs deve ter o sentido da participação na Missão de Deus, por meio do evangelismo e do testemunho da presença de Cristo como razão do ser igreja. Como orienta o apóstolo Paulo: "esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos" (Ef 4.3-6).

Apesar de o princípio ter origem no próprio movimento dos seguidores/as de Jesus, a expressão "ecumenismo/ecumênico" para



Precisamos entender bem os termos usados e os contextos de sua utilização, para romper os preconceitos e adotar posturas de integralidade, próprias da identidade metodista. O que Ecumenismo tem significado para nós? O que deve, de fato, significar?



Guarde bem esta definição, pois ela é orientadora para a vida e a missão da Igreja: Ecumenismo é o princípio da unidade cristã em torno dos elementos comuns da fé em Jesus Cristo.



Conheça, neste trecho da carta, o caminho percorrido na construção do conceito de "Ecumenismo" e sua origem no grego e no latim. Recuperar os sentidos originais é algo que pode nos enriquecer na discussão para hoje!

designá-lo é de utilização recente. Por isso não vamos encontrar na Bíblia estas palavras no sentido da busca por unidade cristã. Vamos encontrar, sim, o termo que dá origem à expressão, a palavra grega *oikoumene*, que quer dizer "casa comum" ou "toda a terra habitada". Ela foi criada pelos gregos, séculos antes de Jesus, para expressar tanto a extensão geográfica da terra como lugar onde se vive, como o jeito de se organizar para viver nessa terra. Esse termo aparece muitas vezes na Bíblia com este sentido grego e está traduzido para o português de diferentes formas (vale conferir em Mateus 24.12-14; Marcos 13.10; Lucas 2.1; Lucas 4.5; Lucas 21.26; Atos 11.28; Atos 19.27; Romanos 10.18; Hebreus 1.6; Hebreus 2.5; Apocalipse 12.9).

O termo *oikoumene* ou "ecumene", na tradução para o latim, ganhou este significado religioso, da busca da unidade cristã, muito tempo depois, já no final do século XVII. Naquela ocasião, as guerras religiosas entre católicos e evangélicos e entre evangélicos mesmo levaram cristãos sensíveis frente a este escândalo a pregarem a paz na terra habitada, entre os próprios cristãos. Por isso o termo "ecumene" passou a ser usado para expressar o ideal da unidade cristã na "casa comum", no mundo criado por Deus e que habitamos.

Diante disso, vale afirmar que há compreensões de ecumenismo que pregam a eliminação das diferenças cristãs, a negação

da diversidade, e a necessidade de unificação eclesial e doutrinária com a uniformização do corpo de Cristo, ou dos ramos Dele, a Videira Verdadeira. Afirmamos que isto não corresponde ao que a Igreja Metodista no Brasil tem por convicção, acompanhando a história da concretização do princípio de unidade cristã no mundo e em nosso país. Há ainda grupos que fazem uso do termo "macroecumenismo". Esta expressão foi criada pelo bispo católico Pedro Casaldáliga para afirmar a aproximação cristã de outras religiões, porém é um termo estranho ao metodismo e à tradição histórica do movimento ecumênico, que, no que diz respeito a outras religiões, fazem uso da expressão "diálogo inter-religioso".

Acima de tudo, entendemos que o caminhar ecumênico deve aprofundar as oportunidades que beneficiam, perante o mundo, o testemunho da fé em Cristo e o serviço pleno de amor ao próximo. Prossigamos a caminhar. Podemos admitir que o final desta jornada - uma vez que reconhecemos as limitações de nossa pecadora humanidade - certamente só poderá realizar-se por ocasião da plena e vitoriosa manifestação da Graça de Deus, nos últimos tempos, quando as Igrejas deixarão de existir, pois elas são históricas e temporais. Deus nos enxugará dos olhos todas as lágrimas. Existirá o Reino de Deus em sua plenitude ecumênica, regido pela única e eterna "lei" do amor. Por isso, entendemos que o nosso



o caminhar ecumênico deve aprofundar as oportunidades que beneficiam, perante o mundo, o testemunho da fé em Cristo e o serviço pleno de amor ao próximo.



PARA PENSAR
Uma antiga canção inspirada na prática dos primeiros metodistas dizia: "Não importa a Igreja que tu és, se atrás do Calvário tu estás, se o teu coração é igual ao meu, dá-me a mão". O próprio Wesley usou esta frase. O que ela significa em termos de identidade metodista? Como articular unidade e identidade sem promover cisões no corpo?

O QUE É O MOVIMENTO ECUMÊNICO?

Muito tempo antes da palavra "ecumenismo" ser utilizada para expressar este princípio que tem por base o diálogo, o respeito, a convivência e a colaboração, que deve ser assumido pelos/as seguidores/as de Jesus Cristo, várias coisas aconteceram e que tornaram concreto este ideal. Ao longo dos séculos, muita gente inspirada por Deus assumiu este princípio de fé e resolveu agir, concretizar ações, experiências, reuniões, encontros, situações que marcaram a história da Igreja e do mundo. Estas pessoas e estas situações deram forma ao que passou a ser reconhecido como um movimento cristão por unidade, denominado no século XX como movimento ecumênico. Movimento ecumênico é, portanto, a diversidade de expressões que buscam tornar concreto o princípio do ecumenismo.

E foi no século XIX que a necessidade de unidade entre cristãos e cristãs passou a ficar mais evidente. Isto porque ganhava cada vez mais força o movimento missionário desenvolvido pelas igrejas evangélicas da Europa e dos Estados Unidos, que desde o século XVIII se espalhou pelos continentes americanos, asiático e africano para disseminar o Evangelho. Com tantas sociedades



Este capítulo da Pastoral pretende mostrar a construção histórica do movimento pela unidade dos cristãos e cristãs. O que você e sua igreja conhecem desta história?



O movimento missionário levou as igrejas americanas a pensar em formas de respeitar a missão que todas as denominações realizavam no mundo. Queriam evitar a competição interna que prejudicaria a salvação dos povos.



*Hoje também
existe o escândalo
da divisão entre os
cristãos e cristãs
na sua cidade? Ou
é algo do passado?*

PARA QUE TODOS SEJAM UM

missionárias e juntas de missão das mais diferentes igrejas atuando nos países, os missionários se defrontaram com a realidade da visibilidade da divisão: numa mesma cidade eram centenas de diferentes pontos de missão que frequentemente confundiam os "missionados" que se perguntavam: a quem devemos aderir? Qual desses grupos tem a mensagem verdadeira? Se é o mesmo Deus, por que estão separados? Missionários sensíveis a essas questões classificaram o que viam como a evidência do "escândalo da divisão entre os cristãos" e um grande obstáculo para o testemunho. Inspirados pelo Espírito Santo, muitos deles resolveram desafiar as igrejas para que não deixassem de ser elas mesmas e cumprir a missão de espalhar o Evangelho, mas que buscassem formas de diálogo e de cooperação, evitando a competição, para que a ação dos cristãos passasse a ser vista no mundo como um sinal do amor de Deus.

É fato que antes de os missionários sentirem-se desafiados a esforços de diálogo em torno da missão, outras situações demonstravam que a unidade e a comunhão cristãs eram possíveis. Duas delas se destacaram já nos primórdios do século XIX: (1) o movimento de juventude cristã, com as Associações Cristãs de Moços e de Moças e os movimentos estudantis cristãos (que se uniram na Federação Mundial dos Movimentos Estudantis Cristãos); (2) as Sociedades Bíblicas

- esforço comum das igrejas na tradução e impressão de Bíblias para o trabalho missionário. No entanto, a grande marca do esforço por diálogo e cooperação foi a realização da Conferência Missionária Internacional, realizada na cidade de Edimburgo (Escócia), em 1910, reunindo, pela primeira vez na história, cerca de 1500 pessoas, com representação oficial de igrejas e sociedades missionárias das principais igrejas da tradição cristã, para refletirem sobre o tema da missão e as possibilidades de unidade em torno dele. A base era a oração de Jesus registrada em João 17.21: "que eles sejam um, para que o mundo creia".

Estudiosos consideram Edimburgo 1910 o marco inicial da história do movimento chamado, mais tarde, ecumênico. Um dos resultados foi a criação do Conselho Missionário Internacional que consolidou a realização de outras conferências missionárias para diálogo e busca de cooperação, que são realizadas até os nossos dias, com importantes contribuições para a teologia da missão e sua prática. Em nossas terras latino-americanas a Conferência Missionária do Panamá (1916) teve a mesma importância contribuindo para a construção do movimento ecumênico no continente, que experimentou uma série de expressões e organizações e teve o Conselho Latino-Americano de Igrejas - CLAI, fundado em 1982.



Veja nesta parte da pastoral um pequeno resumo de eventos e encontros entre missionários e pessoas que amavam as missões, em busca do respeito mútuo e do avanço da obra evangelística.



Depois da Primeira Guerra Mundial, os cristãos e cristãs de diversas igrejas se uniram para promover a paz e a cura das feridas emocionais. Que iniciativas assim você e sua comunidade local podem tomar, junto a outras comunidades? É possível, por exemplo, combater a violência e as drogas sem associar-se a outros grupos que também lutam pela vida? De que formas esta tarefa, que também é missionária, pode ser melhor realizada?

Uma outra situação que é também considerada um marco da história do movimento por unidade cristã aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) quando muitas igrejas evangélicas da Europa e dos Estados Unidos, especialmente por meio de pessoas leigas, com grande participação da juventude, ficaram preocupadas com a responsabilidade cristã pela promoção da paz e da justiça. Elas atuaram com movimentos em torno da busca da paz entre as nações e na cura das feridas físicas e emocionais das pessoas e povos que padeciam os efeitos da guerra. Como fruto deste processo foi criado, em 1925, o "Movimento Vida e Ação" que reforçava a ideia de um cristianismo prático, ou seja, a compreensão de que os cristãos e cristãs devem estar unidos em ações concretas de promoção da vida por meio de atos de misericórdia e de luta pela justiça e a paz.

Uma terceira expressão de unidade também vai marcar a história do movimento chamado ecumênico: líderes de igrejas evangélicas, principalmente aqueles que se dedicavam à reflexão teológica, começaram a se reunir no início do século XX para conversar sobre as doutrinas de suas igrejas, para descobrir o que tinham em comum e delimitarem as diferenças. Como resultado, em 1927, foi realizada uma conferência na Europa, chamada "Fé e Ordem" (ordem como sinônimo de doutrina) e reuniu representantes de 127 igrejas. Discutiram sobre batismo,

santa ceia, ministério ordenado, Bíblia. Descobriu-se que as diferenças são muitas, mas que há muita coisa em comum. A partir dali começaram a escrever vários documentos para expressar isto.

Estes três movimentos - missionário, cristianismo prático e doutrinário - passaram a realizar muitas reuniões e atividades, que mais tarde levaram à fundação do Conselho Mundial de Igrejas (1948), que se tornou a expressão mais destacada do movimento ecumênico, mas que não é sinônimo dele. Além do Conselho Mundial de Igrejas, existem muitas outras organizações, conselhos de igrejas, associações eclesiais e membros de igrejas que dão forma a este movimento que tem tanta diversidade, mas que tem em comum o fato de reunir cristãos e cristãs no diálogo e nas ações concretas que tornam visível o ideal da unidade cristã. Todas estas fontes do movimento têm origem no protestantismo (igrejas evangélicas).

No Brasil, estas três fontes estiveram presentes também na formação da Confederação Evangélica do Brasil - CEB, fundada em 1934, maior expressão do movimento ecumênico brasileiro, mas que, lamentavelmente, foi extinta por conta das ações repressoras da ditadura militar que o Brasil viveu entre 1964 a 1985. Apesar deste obstáculo, os ideais ecumênicos sobreviveram no Brasil por meio de outras organizações que

trabalhavam a unidade por meio do serviço, do estudo da Bíblia, da educação popular e teológica. Foi em 1982, no final do período da ditadura militar, que foi fundado o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, que tentou e ainda tenta recuperar a história, a expressividade e a vitalidade da CEB.

A Igreja Católica Romana esteve ausente de todo este processo e resistiu bastante a ele, já que foi convidada para várias dessas reuniões históricas. Demorou para a Igreja Católica se integrar ao movimento ecumênico: foi apenas após o Concílio Vaticano II (que terminou em 1965), convocado pelo Papa João XXIII, que esta igreja reconheceu a existência e o valor do movimento ecumênico e incentivou a participação dos seus líderes e membros. A hierarquia católica optou por não aderir ao Conselho Mundial de Igrejas, mas são muitas representações nacionais católicas que são membros de conselhos nacionais de igrejas.

Importa ainda demarcar que o movimento ecumênico é dinâmico e não se restringe a instituições e a igrejas. No meio do povo há muitas experiências que acontecem porque pessoas cristãs acabam se juntando por uma causa comum ou por laços de boa vizinhança e amizade. É o chamado ecumenismo popular ou de base. É o Espírito de Deus que sopra e não está preso a laços institucionais e faz o ideal da unidade acontecer.

A UNIDADE CRISTÃ É DESEJO DE DEUS?

Para nós, metodistas, a base para se compreender o sentido do ideal de unidade são as Santas Escrituras, orientadoras da prática de fé de quem se chama cristão/cristã. Nelas há uma referência que podemos interpretar como fundante: encontra-se na oração sacerdotal de Jesus. O evangelista João registrou que Jesus levantou os olhos para o céu e orou: *"Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim, e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós os somos; eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim. Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo"* (Jo 17. 20-24).

Esta é uma das passagens mais belas e profundas do Novo Testamento e é conhecida como a oração sacerdotal ou oração pela unidade. Jesus não está se dirigindo aos discípulos, nem às pessoas que procuraram se-



Neste capítulo, vamos buscar as bases bíblicas que definirão de que forma devemos agir no mundo em relação a outros segmentos cristãos.



O que você entende da oração de Jesus? Coloque no papel suas impressões, lendo o texto bíblico com calma. Depois, verifique a orientação de nossos bispos e bispa. Como você percebe o ensino? Como praticá-lo?



PONTOS PARA PENSAR
A oração de Jesus nos mostra que a unidade de sua Igreja não é fruto da vontade humana nem o cumprimento de meros desejos humanos.

A comunidade cristã, para ser fiel à sua vocação, deve expressar, por intermédio de suas relações fraternas e de amor, a mesma união profunda que existe na Trindade, ou seja, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

gui-lo, nem àquelas que se sentiam ameaçadas pelo seu ministério. Jesus está se dirigindo ao Pai, àquele que o tinha enviado. Jesus ora por sua comunidade como um todo, não somente pelos discípulos que estavam com ele, mas também por quem viesse a crer por intermédio deles. Portanto, Jesus estava também orando por nós que temos o privilégio e a responsabilidade de continuar a sua obra.

A oração de Jesus nos mostra que a unidade de sua Igreja não é fruto da vontade humana nem o cumprimento de meros desejos humanos. É o cumprimento do desejo de Jesus Cristo e condição essencial para que o mundo creia, ou seja, para o testemunho cristão no mundo. Isso quer dizer que a comunidade cristã, para ser fiel à sua vocação, deve expressar, por intermédio de suas relações fraternas e de amor, a mesma união profunda que existe na Trindade, ou seja, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

A unidade da comunidade cristã é uma antecipação da promessa de realização do Reino de Deus que está presente entre nós, mas que somente experimentaremos de maneira plena na consumação dos tempos. É também um sinal da possibilidade de reconciliação entre os seres humanos e destes com Deus.

Há uma Ecclesia (igreja) não delimitada pelas tantas denominações existentes, que, na linguagem dos Pais da Igreja, é descrita

como igreja una, santa, católica (universal) e apostólica (Efésios 2.14-22). A participação na caminhada pela unidade segue um rumo diferente do divisionismo que tem permitido tantas igrejas que se inauguram e vivem como que sem compromisso com séculos de herança cristã, assim saltando das páginas bíblicas para o seu espaço hoje. Esse brotar dividido não oferece, perante o mundo, testemunho em favor da fé que deseja proclamar *"um só Senhor, um só Pai, uma só fé, um só batismo"* (Efésios 4).

A busca da unidade não é a busca da união das igrejas em uma única forma institucional. Ela é, acima de tudo, a afirmação e reconhecimento da diversidade de dons e ministérios concedidos por Deus ao seu povo. Portanto, pode-se dizer que a prática da unidade cristã é a busca e vivência da unidade na diversidade. Isto porque nenhuma igreja ou denominação pode reivindicar para si a representação plena e exclusiva do Corpo de Cristo. O máximo que elas podem reivindicar é que são parte, membros, do Corpo de Cristo e que, sob a inspiração e orientação do Espírito, estão em plena comunhão com Deus.

A imagem de "Corpo de Cristo" é, com certeza, a mais linda e mais conhecida imagem da Igreja que Paulo nos ensina. E ela tem vários elementos que são essenciais para nossas vidas, obras e relações tanto pessoais como institucionais.



**DISCUTA NO SEU
GRUPO DE ESTUDOS A
AFIRMAÇÃO DA
PASTORAL DO
COLÉGIO EPISCOPAL:**

*A busca da
unidade não é a
busca da união
das igrejas em
uma única forma
institucional. Ela
é, acima de tudo,
a afirmação e
reconhecimento
da diversidade de
dons e ministérios
concedidos por
Deus ao seu povo.*

O que nos caracteriza como Corpo de Cristo é o fato de termos sido batizados em Cristo pelo Espírito Santo. Paulo diz: "Porque assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só espírito" (1 Coríntios 12.12-13).

O batismo em Cristo é uma realidade inclusiva. Somos "judeus e gregos, escravos e livres". Na Carta aos Gálatas, Paulo acrescenta "homem e mulher" (Gálatas 3. 27-28) e aos Colossenses, insere "(o) bárbaro e (o) cita" (Colossenses 3.11). É importante recordar que os gregos consideravam bárbaros todos os que não eram gregos; os citas eram considerados um povo não civilizado, e os judeus, povo exclusivo de Deus. Todas as divisões humanas, sejam elas políticas, econômicas, sociais e culturais, são superadas no Corpo de Cristo. Qualquer um que aceita o chamado e encontra sua identidade em Cristo deve ser capaz de expressá-la em qualquer raça, gênero, classe ou identidade nacional como uma contribuição para o enriquecimento de todos.

Paulo indica que nosso corpo é formado por diferentes membros, cada um com sua identidade e função específica e que essa di-

versidade precisa ser respeitada. Não há hierarquia de importância entre as diferentes partes do corpo. Todos têm seus papéis indispensáveis para o funcionamento pleno do corpo. Cada parte necessita da outra e é necessitada pelas outras. Podemos dizer que é uma hierarquia circular na qual o centro é Cristo. O papel dos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres é o de servir para o aperfeiçoamento da comunidade para o desempenho de seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo (Efésios 4.11-16). Este é um processo que nos permite crescer na plenitude de Cristo, tanto individualmente quanto institucionalmente.

Na carta aos Efésios (2.11-22), Paulo escreve sobre a trágica divisão da família humana simbolizada pela inimizade entre judeus e gentios. Paulo nos diz que, com sua morte, Cristo derrubou a barreira da separação e criou uma nova humanidade, reconciliando ambos em um só corpo. *"Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito"* (Efésios 2.19-22). No original grego, Paulo usa uma palavra derivada de oikos (casa) ao referir-se à família e habitação de



Em seu grupo de estudos, procure estudar esta parte da Pastoral discutindo com as pessoas acerca de suas várias experiências com a fé. Para algumas, a Igreja Metodista não é a primeira comunidade. O que puderam aprender com outros grupos? O que é relevante para cada um/a no Metodismo? Como isso se relaciona com o sentido do Corpo de Cristo para Paulo?



PONTOS PARA PENSAR

Avaliem agora o contexto de Pedro: em que a unidade é relevante para os irmãos e irmãs a quem ele escreve?

O que essa mensagem poderia significar hoje, por exemplo, para nós em relação aos países do mundo nos quais o Cristianismo sofre intensa perseguição?

Deus. É a mesma raiz de *oikoumene* (ecumene), a terra habitada. É uma imagem poderosa da Igreja como uma comunidade de pessoas que compartilham a vida. Isso significa que nossa missão é propiciar as condições para que a casa do mundo, em toda a sua diversidade, se torne um verdadeiro lar onde todos possam coabitar em amor e justiça.

O apóstolo Pedro também usa a imagem de Casa (*oikos*) quando fala da Casa de Pedras Vivas para se referir à Igreja, em sua primeira carta aos cristãos da Ásia Menor: "*Achegai-vos a ele, pedra viva (Cristo), que os homens rejeitaram, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. E, como pedras vivas, também vós vos tornastes casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais aceitos por Deus através de Jesus Cristo*" (1 Pedro 2.4-5). Esta imagem da Igreja como casa de pedras vivas se torna mais poderosa quando recordamos que os cristãos da Ásia Menor viviam na diáspora e estavam dispersos por vários lugares, sem organização, e expostos a toda sorte de perseguição. Pedro nos convida a pensar que nós também, na atualidade, vivemos em diáspora, pois estamos num mundo dominado por forças hostis aos valores do Reino de Deus do qual somos cidadãos. Cada crente é uma pedra viva que está ligada e relacionada, em sua individualidade, com a estrutura completa da casa do Espírito. Em palavras atuais, podemos dizer que, apesar de parecer algumas vezes que estamos sós,

na verdade estamos ligados uns aos outros, umas às outras, no Espírito, por laços de solidariedade.

Todas estas imagens nos ajudam a compreender que a Igreja de Cristo não é algo estático, monolítico, nem uniforme. Ela é multiforme e todas as suas formas manifestam a Graça de Deus e seu amor infinito revelado em Jesus Cristo. Independentemente desta diversidade de imagens, porém, há algumas características comuns e essenciais entre elas. (1) Cristo é o Senhor da Igreja e a Igreja existe por obra do Espírito Santo para servir a Deus na missão. Ela não é obra humana e, portanto, não pode ser identificada plenamente nas instituições que criamos; (2) A Igreja é um sinal da presença do Reino de Deus para mostrar ao mundo que, em Cristo, todas as diferenças humanas são superadas e a diversidade é valorizada e reconhecida como dom de Deus. Nesse sentido, a Igreja aponta para o mundo a possibilidade de reconciliação da família humana.

A unidade cristã faz parte da essência da Igreja e é uma condição para a credibilidade do testemunho, da missão e do serviço. Ela é um dom de Deus. Portanto, não somos nós que a construímos, mas somos chamados a preservá-la com amor, humildade e mansidão como reconhecimento de que há um só corpo e um só Espírito, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus



*A unidade cristã
faz parte da
essência da Igreja
e é uma condição
para a
credibilidade do
testemunho, da
missão e do
serviço. Ela é um
dom de Deus.*

.....

. e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por
 . meio de todos e está em todos. O reconhe-
 . cimento da diversidade e a preservação da
 . unidade são essenciais para a edificação do
 . corpo de Cristo e sinal da nossa maturidade
 . espiritual (Gálatas 4.1-16).

.....

O QUE ESTE ASSUNTO TEM A VER COM SER METODISTA?

O metodismo, fruto da experiência marcante e do compromisso missionário do cristão inglês John Wesley, no século XVIII, nasceu por conta da abertura deste pastor da Igreja Anglicana à diversidade cristã: ele se alimentou da herança da Reforma Protestante, não desprezou expressões doutrinárias da sua igreja, abraçou as possibilidades de renovação da fé pela espiritualidade da experiência pietista dos irmãos morávios alemães.

Iniciar uma nova igreja, entretanto, não era o projeto de John Wesley. Ele criou mesmo foi um movimento de avivamento dentro da sua Igreja Anglicana. Mas circunstâncias históricas levaram à criação da Igreja Metodista. Nesta igreja, da qual fazemos parte como um dos seus ramos aqui no Brasil, ficaram marcas da pregação do seu inspirador como a afirmação "Não criar uma nova seita, mas reformar a nação, especialmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre toda a terra". Não criar uma nova seita no sentido de não se isolar, se separar, acreditando que somos os exclusivos portadores de uma verdade cristã. Neste contexto, repetimos John Wesley que afirmou, referindo-se aos metodistas: "Nós somos um novo fenômeno na terra; um corpo de pessoas que, não sendo de



Este capítulo tratará das marcas da identidade metodista em relação ao tema da Unidade Cristã.



A história da Igreja Metodista não era, primitivamente, calcada em separações ou divisões. John Wesley sentia-se parte da Igreja Anglicana e buscava sua renovação. O que estamos buscando para a Igreja hoje?

nenhuma seita ou partido, são amigas de todos os partidos e se esforçam em incentivar todos na religião do coração, no conhecimento e no amor de Deus e do ser humano" (Sermão 121, Profetas e Sacerdotes). Por isso, desestimulando quaisquer intentos separatistas, Wesley apelava com veemência: "Não joguem fora a glória peculiar que Deus tem colocado sobre vocês, e frustrem o desígnio da Providência, o verdadeiro fim para o qual Deus os levantou" (Sermão 121).

Nessas origens do metodismo não vamos encontrar a palavra "ecumenismo" ou o apelo para um engajamento ecumênico, tal como estes termos se apresentam hoje. Estas palavras não estavam em uso naquela época. O que era mais usado era o termo "católico", como significado de "universal" (por isso John Wesley tem um sermão muito famoso denominado "O Espírito Católico", Sermão 39) justamente para pregar a unidade com base na compreensão e o respeito para a superação das divisões entre os cristãos. Wesley reconhecia o direito que as pessoas têm de se apegarem a uma proposta religiosa diferente da dele, dizendo: "É uma consequência inevitável da presente fraqueza e limitação do entendimento humano, que as diversas pessoas sejam de espírito diverso no tocante à religião, assim como nas coisas da vida comum" (Sermão 39).

Ele entendia também que não é necessário pensar de forma igual e que não se deve

impor o modo de entender a fé cristã a outros que têm o seu próprio modo de compreensão. Ele escreveu: *"Embora todo o seguidor de Cristo seja, pois, obrigado, pela própria natureza da instituição cristã, a tornar-se membro de uma ou outra congregação particular, de alguma igreja, (...), todavia, ninguém pode ser obrigado, por nenhum poder da terra, a não ser pelo de sua própria consciência, a preferir esta ou aquela congregação a outra, a preferir esta ou aquela forma peculiar de culto. (...) Não cuida, pois de acalentar a presunção de impor meu sistema de culto a quem quer que seja"* (Sermão 39).

A superação disto, para Wesley, estava em buscar o que há de semelhança, a despeito das diferenças, e, para ele, isto é coisa para o coração dizer. Por isso, a base da pregação do Sermão 39 é o texto de 2 Reis 10.15 para ele questionar: *"Embora não possamos pensar do mesmo modo, não podemos amar de maneira igual? Não podemos ter um só coração, ainda que não tenhamos uma opinião só?"* A sua resposta é muito direta: *"Sem dúvida alguma que o podemos. Nisto todos os filhos de Deus podem unir-se, não obstante aquelas diferenças secundárias. Permaneçam estas como estão, e ainda os crentes podem-se acompanhar uns aos outros no amor e nas boas obras"* (Sermão 39). A proposta é "Dá-me a tua mão", e não "Sê de minha opinião" ou "Abraça minhas fórmulas de culto". Para John Wesley, as diferenças que não prejudiquem a essência da fé, como por exemplo, a forma de cultuar ou



Como você lida com pessoas de sua Igreja que pensam diferentemente de você? É capaz de respeitar efetivamente a diferença ou anseia por impor seu modo de pensar? É possível, realmente, amar quem pensa diferente?



PONTOS PARA PENSAR

Wesley pregava o diálogo e o respeito, apesar de ter sofrido perseguição de sua própria igreja, reações agressivas dos católicos romanos irlandeses e vivido desentendimentos dentro do próprio movimento metodista.

as formas de governar a igreja, não podem ser reforçadas para servirem como obstáculos à comunhão.

Interessante que ele pregava o diálogo e o respeito, apesar de ter sofrido perseguição de sua própria igreja, reações agressivas dos católicos romanos irlandeses e vivido desentendimentos dentro do próprio movimento metodista. Mas ele não deixa de orientar os metodistas de que ter um "espírito católico (universal)" não significa aceitar tudo sem crítica, aceitar quaisquer princípios ou procedimentos, o que acontece, na maioria das vezes, por insegurança a respeito do que os próprios metodistas creem.

Também não significa indiferença em relação a todas as igrejas. Ele mesmo fez críticas sobre as questões que ele entendia serem incompatíveis com a fé que o movimento metodista pregava e escreveu textos como os Vinte e Cinco Artigos de Religião (1784), Uma Defesa contra Noções não Definidas em Religião (1758), entre outros. É por isso que, no mesmo Sermão 39, Wesley faz uma advertência para os metodistas terem segurança com suas afirmações de fé: "... isto é sementeira do inferno e não colheita do céu. Essa inconstância de pensamento, esse ser 'levado de um para outro lado e ser tangido por todo vento de doutrina', é uma grande maldição e não uma bênção; um inimigo irreconciliável e não um amigo do verdadeiro catolicismo [= universalidade]. O homem de

espírito verdadeiramente católico [= universal] não tem de estar à procura de sua religião. Está fixo como sol em seu conceito acerca dos aspectos principais da doutrina cristã" (Sermão 39). Wesley, então, quer dizer que o perigo não está em relacionar-se com quem tem posições diferentes, mas relacionar-se sem ter segurança da sua própria doutrina.

"Não joguem fora...": essa voz de John Wesley continuou ecoando nos ouvidos e corações dos metodistas espalhados pela terra, por isso é que este espírito universal/ecumênico, de diálogo e respeito, é uma das marcas do modo de ser Igreja, confessado e praticado pelo povo chamado metodista, em todo mundo. Por isso existe um Concílio Mundial Metodista, fundado no século XIX, para ser a expressão visível do compromisso metodista com a unidade da Igreja. Vale destacar que foram os metodistas, que no período moderno, ao organizarem a primeira reunião do seu Concílio Mundial, utilizaram pela primeira vez o termo "ecumênico" no sentido de unidade cristã, convocando a "Conferência Ecumênica Metodista".

É por isso também que muitas pessoas metodistas têm se destacado como ativos agentes no movimento ecumênico em seus países e em todo o mundo. Um exemplo forte é que a importante e marcante Conferência Missionária de Edimburgo, 1910, tenha sido presidida por um líder jovem leigo



Wesley quer dizer que o perigo não está em relacionar-se com quem tem posições diferentes, mas relacionar-se sem ter segurança da sua própria doutrina. O que significa ter "segurança da doutrina"?

metodista dos Estados Unidos chamado John Mott, que já era destacado por ser o fundador da Federação Mundial dos Movimentos Estudantis Cristãos. Juntamente com o bispo metodista também dos Estados Unidos G. Bromley Oxnam, Mott desempenhou um papel chave na fundação do Conselho Mundial de Igrejas (1948).

A presença missionária da Igreja Metodista se dá nos diversos organismos do movimento por unidade cristã no mundo e sinaliza o desejo do povo metodista de unir forças para que tenhamos uma Igreja profética, pastoral e missionária. Temos alegria em compartilhar do movimento de unidade do Corpo de Cristo ao estarmos presentes nos diversos órgãos, ministérios e instituições comprometidas com a unidade do evangelho em termos de missão e evangelismo, testemunho e serviço, tendo como maior objetivo testemunhar ao mundo o amor de Deus revelado em Jesus Cristo.

É de se ressaltar o fato de que as maiores organizações ecumênicas tenham tido e tenham hoje à sua frente líderes metodistas. Portanto, envolvidos nesse espírito de participação na videira e Corpo de Cristo, temos sido enriquecidos pelas experiências das diversidades ministeriais presentes em outras expressões eclesiais do Povo de Deus que manifestam a diversidade que gozamos em Jesus Cristo.

Os metodistas brasileiros mantiveram esta mesma trajetória na sua história: desde os primórdios da Confederação Evangélica do Brasil, da qual a Igreja Metodista foi membro-fundador, ainda na passagem do século XIX para o XX, lá estavam os missionários metodistas dialogando e unindo-se aos propósitos de cooperação cristã. Metodistas participaram dos movimentos estudantis cristãos no Brasil, com a União Cristã de Estudantes do Brasil (anos 40), depois a União Brasileira de Juventude Cristã (anos 60).

Em 1942, a Igreja Metodista no Brasil, que já era filiada ao Concílio Mundial Metodista, se torna a primeira Igreja da América Latina a se filiar ao Conselho Mundial de Igrejas, e participa da assembleia de fundação em 1948. Em décadas recentes, a Igreja fundou e se filiou a diferentes organizações ecumênicas brasileiras, entre elas a Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE) e o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), únicas das quais se retirou, em 2006, por conta da crise no relacionamento formal com a Igreja Católica Romana, também membro destas organizações.

Membros da Igreja Metodista, fiéis aos princípios da unidade cristã, também fundaram e se vincularam a instituições e associações para a comunhão e a cooperação entre cristãos e cristãs. Na América Latina, a Igreja Metodista no Brasil é membro-fundador



*Nestas páginas,
você está conhecendo,
de forma bem abrangente,
como se dá a participação da
Igreja Metodista em organismos
que militam pela unidade cristã e
como ocorreu sua inserção neles.*



PONTOS PARA PENSAR

Destaque em seu grupo de estudos que aspectos desta parte da Pastoral mais lhe chamaram a atenção; informações que você não tinha anteriormente ou curiosidades que ainda tenha. Se necessário, pesquisem um pouco mais! É possível descobrir uma grande riqueza na história de homens e mulheres dedicados à unidade do Corpo de Cristo...

do Conselho Latino-Americano de Igrejas e participa de diálogos e articulações por unidade no continente intermediados também pelo Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina e do Caribe (CIEMAL), da qual é membro.

Por último, é preciso assinalar que a posição da Igreja Metodista no Brasil, relativa à busca da unidade cristã, tem sido igualmente expressa em diversos documentos episcopais e conciliares. Desde a sua primeira Constituição, em 1930, incluindo outros documentos canônicos como o Credo Social e o Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista (1982), constata-se a continuidade e a coerência de seus princípios e práticas, para os quais se reivindica fidelidade tanto ao ensino bíblico quanto à herança wesleyana. Estando na caminhada pela unidade, reforçamos a nossa identidade.

Quando nos referimos à unidade da Igreja, isso não significa submissão de uma Igreja em relação a outra, nem abrir mão de uma convicção de doutrina prática de culto, serviço, evangelização, ações missionárias em benefício do povo. Participar na caminhada pela unidade cristã requer que nos aperfeiçoemos no conhecimento e vivência de nossa identidade, que declara *"a consciência de que somos parte da igreja de Jesus Cristo no mundo. Temos a consciência da unidade com todo o povo cristão, estendendo a mão a todas as pessoas*

cujos coração é como o nosso, procurando preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz, a fim de sinalizar, de forma visível ao mundo, a unidade do Corpo de Cristo" (As Marcas Básicas da Identidade Metodista, p.19).

POR QUE HÁ TANTA DIFICULDADE COM ESTE ASSUNTO?

Há dois escândalos cruciais no cristianismo. Um é o escândalo da cruz de Cristo: escândalo para os judeus e loucura para os gentios (1 Co 1.23). Um escândalo positivo, pois sem ele, a vida cristã não teria sentido. O outro é o escândalo da divisão entre os membros do Corpo de Cristo.

Aqui é preciso distinguir divisão de diversidade. As diferenças de compreensão da Palavra de Deus, as formas distintas com que sentimos e expressamos a presença de Deus em nossas vidas, as maneiras diferentes como oramos e louvamos a Deus, as formas como testemunhamos o amor redentor de Jesus Cristo no mundo, tudo isso deveria ser visto como natural e enriquecedor para a vida da Igreja, pois Deus criou o ser humano e o colocou em contextos culturais e históricos diversos. O que é negativo é transformar isto em fonte de divisão e sectarismo (separação, fechamento a esta diversidade) pois esta atitude impede que o mundo reconheça na comunidade cristã os sinais e os valores do Reino de Deus.

Podemos aprender dos relatos bíblicos de que divisão e sectarismo não são novidade no corpo de Cristo. Este espírito de divisão



Neste capítulo, os bispos e bispa procuram pontuar as dificuldades da convivência e unidade com outras igrejas, bem como realinhar nosso entendimento sobre o tema, visando superá-las.



As diferenças de compreensão da Palavra de Deus, as formas distintas com que sentimos e expressamos a presença de Deus em nossas vidas, as maneiras diferentes como oramos e louvamos (...), tudo isso deveria ser visto como natural e enriquecedor para a vida da Igreja. O que tem impedido que seja assim?

já se fazia presente desde o tempo de Jesus, quando os discípulos ficaram preocupados com aqueles que não faziam parte do grupo mas também expulsavam demônios e curavam enfermos em nome de Jesus. A resposta Dele foi para que os discípulos deixassem estas pessoas em suas práticas porque "*quem não era contra ele, era a favor*" (Mc 9.40). Mais tarde, no início da formação das comunidades cristãs, houve divergências com respeito à dinâmica da vida em comunidade (Atos 6) e também tensões teológicas que provocaram a realização do primeiro concílio (reunião para conciliação) da Igreja na busca de encontrar o caminho da unidade, como narra Atos 15. Havia tanto conflito e divergência que levavam cristãos e cristãs para longe do sentido para o qual foram chamados, que foi necessária a redação do Evangelho de João, que passou a ser conhecido como o Evangelho da Unidade.

O fato é que muitos outros concílios tiveram que acontecer como tentativas de superação das divisões teológicas e condenação das posições consideradas heréticas. Além do de Jerusalém (ano 15), a Igreja realizou outros concílios, na busca da sua unidade: Niceia (325); Constantinopla (381); Éfeso (431); Calcedônia (451); Constantinopla (553); Constantinopla (680-681); Niceia (787). Portanto, a busca da unidade sempre foi um esforço desde os primórdios do cristianismo.

Vimos em um item acima que a busca concreta da unidade no período mais recente da História surge a partir de uma constatação da distância entre os cristãos, que se caracterizava num escândalo para o "mundo", especialmente no momento em que as igrejas evangélicas abraçaram a causa missionária. Assim, nos séculos XIX e XX, membros do corpo de Cristo iniciaram uma caminhada de busca da unidade, chamada "movimento ecumênico". Acontece que o espírito divisionista, separatista, nunca deixou de se manifestar neste corpo e construir obstáculos para a realização plena dos esforços de unidade entre cristãos e cristãs.

Na verdade, um dos maiores obstáculos não são as posições contrárias à proposta ecumênica. Um dos maiores empecilhos à causa da unidade é a indiferença, quando trabalhamos isoladamente, cada um no seu espaço e entendemos a divisão e a separação como algo natural. Convivemos tranquila e pacificamente com as divisões no corpo de Cristo, alguns até acreditam que ela seja necessária para expansão do evangelho. Trata-se da lógica do dividir para crescer, quando, na verdade, a lógica deveria ser unir para crescer e avançar. O grande desafio da Igreja é vencer este espírito de indiferença e sectarismo.

Por conta do exclusivismo e do sectarismo, características presentes em todas as religiões, que são instituições humanas e lidam



*Nestas páginas,
você irá descobrir
os embates e
dificuldades na
Igreja Primitiva
para estabelecer
os pontos funda-
mentais da fé na
perspectiva da
unidade, bem
como os desafios
enfrentados frente
ao espírito de
divisão e separa-
ção contra o qual
temos constante-
mente de lutar ao
longo da história!*



Há características muito humanas que reforçam a negação da unidade cristã como o medo do diferente e da influência negativa que um contato com o outro pode promover.

com o desejo de poder, domínio, superioridade e superação das limitações, a história registra muitas experiências de fechamento e até conflitos físicos.

Além disso, há muitas divergências teológicas e doutrinárias que reforçam divisão e falta de diálogo. Dos evangélicos em relação aos católicos-romanos, há divergências quanto à veneração dos santos, à figura de Maria e o papel do papado; dos católicos em relação aos evangélicos, há a compreensão diferente sobre a unidade (que deve passar por Roma), eucaristia, a mariologia, a hierarquia, o ministério feminino; dos evangélicos em relação aos próprios evangélicos, há tensões quanto ao rebatismo, ao segundo batismo, ao ministério feminino, ao ministério leigo; entre outras posições distintas.

Ademais, há características muito humanas que reforçam a negação da unidade cristã como o medo do diferente e da influência negativa que um contato com o outro pode promover, o que na verdade passa por uma crise de identidade, do desconhecimento e firmeza quanto aos próprios princípios e convicções. Há ainda atitudes humanas como o cultivo de rancor e o revanchismo: cristãos que tiveram experiências dolorosas ou desagradáveis no convívio com outros cristãos ou mesmo ouviram contar histórias do passado vividas por suas famílias, e que não conseguem perdoar e superar, num espírito

de reconciliação, mas guardam a mágoa e o rancor do que foi vivenciado, fechando-se a novos contatos.

Atitudes de pessoas que se identificam como ecumênicas muitas vezes também promovem a negação da unidade cristã. Há dificuldades da parte de algumas lideranças de lidarem com a pluralidade, com a diversidade cristã, e baseiam opiniões e ações em preconceito em relação a experiências de fé que não sejam como as suas. Além disso, há muitas vezes falta de pedagogia de comunicação da parte de lideranças ecumênicas com "as bases", o que reforça bloqueios e gera mais preconceito.

Vale insistir que o fato de existirem várias igrejas cristãs não é, em si, um fato necessariamente negativo. As diferenças entre elas, no entanto, podem se tornar negativas quando as relações são caracterizadas por atitudes de competição, acusações mútuas, falta de diálogo e até conflitos. Nesse caso, em vez de serem um testemunho do amor de Deus, distorcem a imagem de Cristo.

Nesse histórico de sentimentos, posturas e atitudes que bloqueiam os esforços por unidade cristã, houve reações, por exemplo, nos anos 40, à criação do Conselho Mundial de Igrejas, que o acusavam de representar: a formação de uma superigreja, uma estratégia para uma volta ao Catolicismo Romano, uma unificação de concepção de fé, de práti-



Há dificuldades da parte de algumas lideranças de lidarem com a pluralidade, com a diversidade cristã, e baseiam opiniões e ações em preconceito em relação a experiências de fé que não sejam como as suas.

cas e costumes, uma fonte de disseminação do liberalismo, um risco de dominação comunista (por conta da presença das Igrejas do Leste Europeu). A própria existência e prática do CMI provaram que estas indicações eram irreais e o organismo completou 60 anos em 2008 com um histórico de importantes contribuições para a caminhada das igrejas em todo o mundo. Porém, até hoje ainda há pessoas e grupos que repetem o mesmo tipo de acusação ao organismo, que, em boa parte das vezes, pouco conhecem.

Tudo isto reforça o espírito de negação da unidade cristã que é semeado em muitos espaços, e que leva a afirmações como: "Ecumenismo é algo contra os cristãos: tentativa de juntar trevas com luz"; "O Movimento Ecumênico é um movimento anticristão. O ecumenismo atual não se preocupa com missões, em alcançar pessoas com a mensagem do Evangelho para que sejam salvas, mas busca o diálogo, segundo o lema: 'Creia no que eu creio e creerei na sua fé'; "É uma armadilha de Satanás para enganar a Igreja"; "Ecumênicos não têm compromisso com a Igreja"; "Ecumênicos são intelectuais. O povo das igrejas não quer saber de ecumenismo"; "O ecumenismo está afastando membros das igrejas e impede a igreja de crescer".

Estas palavras - que generalizam o assunto a partir da experiência de uns, e que são repe-

tidas por outros que não tiveram vivências - se contrapõem à história rica de esforços de unidade que descrevemos acima, aos princípios bíblicos que pregam a urgência da comunhão e da reconciliação e ao princípio metodista de unidade de coração a despeito das diferenças, sem relativismos. Só reforçam mais preconceito, divisão e sectarismo.

O diálogo sobre as divergências entre os membros do Corpo de Cristo fortalece a Igreja. Isto porque o diálogo, desde que desenvolvido em espírito de oração e comunhão com Deus, leva a descobertas que a cegueira, produzida pela arrogância polêmica, sectária, autoritária e auto-suficiente não permite enxergar. No concílio de Jerusalém, a descoberta da diversidade dos ministérios fortaleceu a comunhão dos discípulos, conforme as palavras de Paulo: *"e, quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles para a circuncisão; lembrando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer"* (Gálatas 2.9-10). A partir desse momento, tanto os que evangelizavam entre os judeus quanto os que levavam as boas novas aos gentios puderam continuar sua missão, apoiando-se e respeitando-se mutuamente.



O diálogo, desde que desenvolvido em espírito de oração e comunhão com Deus, leva a descobertas que a cegueira, produzida pela arrogância polêmica, sectária, autoritária e auto-suficiente não permite enxergar. Como estabelecer um diálogo coerente com a mensagem de Cristo? Que lições podemos tirar da experiência de Barnabé e Paulo, citada na Carta aos Gálatas?

COMO A IGREJA METODISTA NO BRASIL DEVE TRATAR O TEMA DA UNIDADE INTERNAMENTE?

A Igreja é constituída de pessoas que trazem consigo seus diferentes modos de viver, de pensar. Há muita diversidade que acaba se refletindo na forma de ser e de viver das igrejas. Por isso, ao longo dos anos de existência da Igreja Metodista, algumas correntes ou grupos com compreensões teológicas diversas nasceram no meio da Igreja. Para exemplificar, conforme os rótulos que foram criados na história, surgiram os conservadores, os liberais, os progressistas, os carismáticos, os neoconservadores, entre outros.

São irmãos e irmãs que amam a Igreja Metodista, que querem estar inseridos nela, que entendem a tradição wesleyana. Entretanto, lêem os Sermões de Wesley, os Vinte e Cinco artigos de Religião, as Notas sobre o Novo Testamento e outros escritos, que dão base a nossa teologia, de acordo com o seu ponto de vista teológico e sua visão de mundo. A partir dessa leitura, formulam considerações de acordo com sua perspectiva, surgindo pontos de tensões, por considerarem seu pensamento o que mais se aproxima da proposta do metodismo primitivo. Há também situações em que pessoas de nossas



Neste Capítulo, está a orientação dos nossos bispos e bispa acerca da unidade interna da Igreja Metodista.



Às vezes, focamos nossa atenção nas dificuldades externas, mas há muitos desafios internos a vencer. Em sua experiência local, quais seriam eles? Que histórias de amor e superação podem nos ajudar hoje? Traga à memória...



A prática da unidade cristã no dia-a-dia da Igreja Metodista nos mostra que, por vezes, encontramos maior tolerância para com as comunidades e lideranças não-metodistas do que com os irmãos e irmãs e lideranças da própria denominação. Como superar isso? Que pecados de intolerância e falta de amor internos devemos confessar hoje?

igrejas vivem experiências, leem livros, ouvem e assistem a programas religiosos de rádio e TV e assimilam conteúdos de outras confissões evangélicas que entendem que deveriam estar inseridos na vida da Igreja Metodista. O problema é que esses conteúdos muitas vezes são conflitantes com os princípios doutrinários wesleyanos.

Portanto, as diversas correntes ou grupos assumem posturas messiânicas endurecendo os corações e dificultando os relacionamentos internos. Assim, a prática da unidade cristã no dia-a-dia da Igreja Metodista nos mostra que, por vezes, encontramos maior tolerância para com as comunidades e lideranças não-metodistas do que com os irmãos e irmãs e lideranças da própria denominação.

Entendemos ser urgente desenvolver a unidade interna, resolvendo os nossos problemas de relacionamento, caso contrário, não seremos capazes, como Igreja, de nos relacionarmos com qualquer outra denominação cristã, sem que vozes contrárias se levantem evocando a tradição wesleyana.

É necessário que, em todos os momentos da caminhada da Igreja, algumas atitudes sejam observadas:

1. Centralizar na Palavra qualquer relacionamento de unidade;
2. Trabalhar a dinâmica do respeito mútuo (leigos/as-leigos/as; pastores/as-pasto-

res/as; leigos/as-pastores/as; pastores/as-leigos/as; bispos/as-pastores/as; pastores/as-bispos/as; bispos/as-bispos/as) de maneira a guardar a unidade da Igreja Metodista, ao invés de gastarmos boa parte do nosso tempo "destruindo" o ministério de pessoas com quem não concordamos;

3. Reafirmar a soberania das decisões conciliares tanto no nível nacional, quanto no regional, no distrital e no local, para que sejam aceitas, respeitadas e desenvolvidas, evitando-se abusos de poder de lideranças em qualquer nível. Da mesma forma, reafirmar o governo episcopal e suas orientações pastorais, doutrinárias, eclesiais, que devem ser cumpridas, implementadas e respeitadas, à luz dos votos assumidos na recepção como membros da Igreja Metodista, e, no caso dos clérigos, no momento de credenciamento e ordenação;

4. Possibilitar um relacionamento interno com respeito ao tema da unidade cristã, demonstrando claramente os valores metodistas em que cremos e até onde podemos caminhar pela unidade cristã;

5. Criar ambientes para o diálogo, respeitando a diversidade da nossa igreja, porém, sem radicalizações que fragilizem os relacionamentos;

6. Tornar claro que o fato de sermos pela unidade cristã não exclui nossa vocação missionária e os desafios evangelísticos;



Verifiquem essas atitudes sugeridas pelos bispos e bispa em sua comunidade local.

Quais delas encontram-se em prática? Quais necessitam ser implementadas?

Que barreiras e que facilidades existem para isso?

Como vencer as barreiras? Como fomentar as facilidades? Orem

a Deus pela ministração do discernimento, do perdão e da acolhida mútua.

- 7. Trabalhar a partir daquilo que nos une e não valorizar o que nos separa;
- 8. Estabelecer ações que visem a criar laços de afeto fraterno entre os irmãos e irmãs e os pastores e as pastoras;
- 9. Valorizar, de modo leal, tudo de bom que as diversas correntes ou grupos de pensamento tenham e realizem.

COMO A IGREJA METODISTA NO BRASIL DEVE TRATAR O TEMA DA UNIDADE COM OUTRAS IGREJAS CRISTÃS?

Em nossas relações com as demais Igrejas Cristãs, é imperativo compreender que se trata de Igrejas e de movimentos caracterizados por grande diversidade teológica, doutrinária, nas práticas de culto, nos usos e costumes (comportamentos). Portanto, temos que estudá-los profundamente, baseados em nossa doutrina e documentos, a fim de identificar aquelas igrejas e movimentos, cujas práticas se fundamentam verdadeiramente no Evangelho e não em seus próprios interesses denominacionais, visando alcançar poder e prestígio, sejam pessoais ou institucionais.

Devemos manter-nos abertos ao diálogo com as igrejas e movimentos que mantenham coerência com o Cristianismo, buscando formas de cooperação e de testemunhos cristãos comuns, nos aspectos social, religioso e em ações de cidadania.

Importa reconhecermos que as Igrejas Cristãs "históricas" e "neo" se inseriram de modo significativo na população brasileira e cresceram e crescem em todo o país, proporcionando à Igreja Metodista oportunidades de



Neste capítulo, os bispos e a bispa orientam a Igreja acerca do relacionamento cristão com outras comunidades de fé, numa perspectiva de diálogo e de identidade.



Nosso diálogo deve ser aberto às Igrejas e movimentos que mantenham coerência com o Cristianismo... Como reconhecer a fidelidade à Bíblia na diversidade de movimentos existentes hoje?



PONTOS PARA PENSAR

Reflitam, no grupo de estudos, acerca de cada atitude proposta nesta pastoral... Como colocar em prática? O que já fizemos que deu certo? O que não pode acontecer novamente, porque não foi uma boa experiência? O que isso nos ensina sobre a maturidade cristã no trato com outras igrejas, no âmbito da sociedade em geral?

desenvolver formas de cooperação e prestação de serviços à comunidade em ações sociais, de cidadania e também, no testemunho da unidade cristã para a promoção da paz e da justiça, onde elas se fizerem necessárias.

No que diz respeito às igrejas de reconhecida tradição wesleyana, que cultivam e mantêm suas raízes históricas e doutrinárias, estaremos sempre abertos a estreitar as relações de amizade por meio de intercâmbio e ações comuns.

Algumas atitudes a serem observadas nesses relacionamentos:

1. Respeitar as individualidades e particularidades de cada Igreja, sabendo que ninguém precisa pensar ou agir de forma igual para ser respeitado e sim, agir de forma cristã, dando bom testemunho da Palavra;

2. Negociar para que elementos doutrinários próprios de cada Igreja não sejam bases de qualquer programa de Culto. Também temos nossos elementos próprios e eles não devem ser impostos nesses programas;

3. Trabalhar os relacionamentos a partir dos elementos que nos unem e não a partir daqueles que nos separam;

4. Revisar liturgias de Cultos que ocorram em templos e outros espaços metodistas, verificando se os temas e o desenvolvimento do programa não ferem a nossa doutrina, os nossos documentos e os nossos costumes;

5. Participar, quando convidados, em eventos ou cultos de acordo com a realidade da Área Nacional, Regional, Distrital e Local, evitando ao máximo ferir desnecessariamente irmãos/ãs da localidade onde o evento ou culto ocorrer;

6. Orientar os irmãos/ãs, da Área Nacional, Regional, Distrital e Local, para se conduzirem de acordo com nosso credo e fé, testemunhando-os de modo salutar à comunidade interna da Igreja Metodista. Orientação que deve ser dada pelo Colégio Episcopal na Área Nacional, pelo/a Bispo/a na Regional, pelo/a Superintendente Distrital na distrital e pelo Pastor/a na local;

7. Evitar, quando se participar em eventos ou cultos pela Unidade Cristã, promover apelos proselitistas. Entendemos não ser momento propício para essa prática e nem mesmo tratar-se de testemunho cristão.

COMO A IGREJA METODISTA NO BRASIL DEVE TRATAR O TEMA DA UNIDADE COM ORGANISMOS ECUMÊNICOS?

A participação oficial da Igreja Metodista em organismos ecumênicos, observados os limites e possibilidades estabelecidos pelo 18º Concílio Geral, deve ser mantida, incentivada e ampliada. Nossa igreja participa ativamente do Conselho Mundial de Igrejas, do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), e da Diaconia (Brasil), além de estar presente na ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos), por meio das suas Faculdades de Teologia que são membros. Essa participação tem nos proporcionado a oportunidade de contribuir, a partir da nossa especificidade, para o serviço e testemunho cristãos comuns não só no Brasil mas também na América Latina e no âmbito mundial.

Nossa igreja tem sido também beneficiada pelo contato com irmãos e irmãs de outras igrejas e de outros países que têm nos dado exemplos inspiradores de dedicação, testemunho, e serviço ao Evangelho. Nesse sentido, ao contribuímos para o enriquecimento espiritual de outras igrejas, compartilhando com elas nossos dons e nossa tradi-



Neste capítulo, orientações para tratar o tema da unidade na perspectiva de organizações e entidades ecumênicas. Existem organizações assim em sua cidade?



Conheça aqui as mais importantes instituições nas quais a Igreja Metodista é membro ou contribui de alguma forma. Seu trabalho é bastante amplo e sério e atinge diversos segmentos da sociedade.



PONTOS PARA PENSAR

Se sua Igreja participa de uma Associação de Pastores e Pastorais de sua cidade, qual a responsabilidade que possui acerca da forma como esta Associação se comporta, por exemplo, em períodos eleitorais? Como manter as propostas dessas entidades em conformidade com o Evangelho de Cristo?

ção metodista, temos sido também enriquecidos pelas experiências delas.

Ao mesmo tempo, por serem organizações oficialmente fundadas pelas igrejas, temos grande responsabilidade pelas suas diretrizes e condução de seus programas. Nossa Igreja tem exercido essa responsabilidade no espírito da nossa liberdade em Cristo, ou seja, além de exercer nosso dever de apresentar propostas e contribuir para o fortalecimento dessas organizações, temos também exercido nosso direito de criticar e de discordar daquelas propostas que, no nosso entender, possam ferir princípios fundamentais do metodismo.

Devido à diversidade e caráter multidisciplinar do conjunto dessas organizações, elas estão em condições de oferecer, às igrejas, relevantes serviços de assessoria a projetos sociais e também treinamento e formação em diversas áreas de conhecimento. Nossa igreja tem se beneficiado, em muitas ocasiões, dos serviços dessas organizações e temos também contribuído para o seu desenvolvimento por meio dos metodistas nelas envolvidos. A experiência metodista na prática da unidade nos indica que nossa relação com as diversas organizações que promovem a unidade cristã, sejam elas oficiais ou autônomas, deve ser pautada pela reciprocidade. Em outras palavras, isso significa que, ao mesmo tempo em que levamos para

essas organizações questões e valores que são preciosos para o metodismo, também devemos estar abertos a discutir e dialogar sobre os desafios que a prática da unidade coloca para a nossa igreja. Desta forma contribuímos para enriquecer o movimento pela unidade e também nos enriquecemos com ele.

Algumas atitudes a serem observadas nesses relacionamentos:

1. Respeitar as diversidades encontradas entre as Igrejas membros e de pessoas que participam nesses órgãos;

2. Entender que nossa participação se dá por meio do diálogo e participação em programas que atendam à demanda cristã nas áreas sociais, de cidadania e da defesa dos direitos humanos. Principalmente naquelas que promovam a paz, a justiça e a equidade, enfim, que promovam o Reino de Deus;

3. Trazer para discussão interna assuntos que necessitam de acordo e participação da Igreja em todos os seus níveis, para, depois de debatidos e acordados internamente, serem firmados junto aos órgãos nos quais estamos filiados;

4. Estabelecer posicionamento em reuniões e eventos desses órgãos, em acordo com nossas doutrinas, nossos documentos, nossa tradição e costumes, e não conforme visão e interesse pessoal de quem estiver representando a Igreja nos fóruns desses organismos;



Observe as atitudes recomendadas pelos nossos bispos e bispa quanto à participação em organismos ecumênicos. O que vocês, como grupo de estudo, pensam sobre elas? São viáveis? De que formas? O que a experiência de vocês pode somar na hora de colocar em prática essas orientações?

5. Aceitar desenvolver projetos e ações pela Igreja somente naqueles casos em que o órgão não interfira e nem imponha condições que firam a soberania decisória dos Concílios e do Governo Episcopal, inclusive da parte de órgãos metodistas internacionais.

.....

COMO A IGREJA METODISTA NO BRASIL DEVE TRATAR O TEMA DA UNIDADE COM ORGANIZAÇÕES GOVERNAMENTAIS E NÃO-CRISTÃS?

Como a Igreja Metodista no Brasil deve se relacionar com organizações governamentais, da sociedade civil e com religiões não-cristãs que trabalham pela vida e pela paz com justiça?

Como portadora da herança wesleyana, a Igreja Metodista, em todo o mundo, tem uma intensa prática diaconal. No Brasil, isto não é e nem deve ser diferente. Afinal, como o Credo Social da Igreja Metodista expressa:

A Igreja Metodista afirma sua responsabilidade cristã pelo bem-estar integral do ser humano como decorrente de sua fidelidade à Palavra de Deus expressa nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos. Esta consciência de responsabilidade social constitui parte da preciosa herança confiada ao povo metodista pelo testemunho histórico de John Wesley.

Ao mesmo tempo, o Metodismo brasileiro reconhece que as ações concretas de promoção do bem-estar das pessoas não são praticadas exclusivamente pelas igrejas, mas tam-



Neste capítulo, orientações para lidar com organizações sociais não-religiosas, governamentais ou de religiões não-cristãs.



O Metodismo é comprometido com o bem-estar integral do ser humano e reconhece que o governo e outras entidades também prestam importantes serviços nesta direção. Não é uma exclusividade das igrejas.



PONTOS PARA PENSAR

Que grupos em sua cidade são importantes para o bem-estar comum, mesmo sem um apelo religioso?

bém por outros grupos e organizações sensíveis e solidários com as lutas e causas populares, que merecem ser identificados e valorizados. Por isso, o Plano para Vida e Missão da Igreja Metodista recomenda o apoio a *"todas as iniciativas que preservem e valorizem a vida humana"*. Essa orientação é reafirmada na definição do que é trabalhar na missão de Deus: *"é somar esforços com outras pessoas e grupos que também trabalham na promoção da vida"*, fazendo uso da mesma citação bíblica do 38º Sermão de Wesley, Advertência contra o sectarismo: *"quem não é contra nós, é por nós"* (cf. Mc 9.38-39). Esta mesma ênfase retorna na parte denominada *"Como participar na missão de Deus?"*, quando o documento reconhece que a Igreja não só participa na missão mas também cresce quando educa-se *"a partir do compartilhamento com outras pessoas e grupos que preservam e valorizam a vida"*.

Hoje são diversos os grupos em nosso país que trabalham pela paz, pela justiça, por relações mais humanas frente às estruturas tão desumanizantes da nossa sociedade. A vontade de participar comunitária e politicamente, em nosso país, na busca de caminhos para vencer o individualismo pregado pelo sistema neoliberal, passou a se expressar, nos últimos tempos, por meio de diferentes ações solidárias e reivindicatórias.

Grupos os mais diferentes têm buscado alternativas para enfrentar a injustiça e a fal-

ta de paz, tais como, grupos de mulheres, meninos e meninas de rua, associações de moradores, população de rua, escolas comunitárias de informática, cooperativas de catadores de papel e latas, cooperativas de costureiras, de plantadores, hortas comunitárias, agentes comunitários de saúde. Além destas expressões há outras de alcance mais amplo como os movimentos por terra e moradia, os movimentos solidários às causas indígenas, os movimentos e entidades ecológicos, os conselhos comunitários de saúde e de educação, as organizações de apoio aos portadores de deficiência física e de doenças infecto-contagiosas como a AIDS, comissões e comitês de direitos humanos, os grupos de combate ao racismo e a toda forma de discriminação, os organismos oficiais como os Conselhos Tutelares que buscam fazer valer o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Além destas, há muitas outras experiências, no Brasil, que poderiam ser citadas e ser enquadradas no conceito estabelecido pelo Plano para Vida e Missão como iniciativas que buscam valorizar e preservar a vida. Por isso, muitos membros da Igreja Metodista têm sido vocacionados a participar e integrar estes grupos, movimentos, conselhos e organizações. A Igreja Metodista também tem apoiado as campanhas e manifestações sociais em prol da justiça, expressando a solidariedade cristã a essas causas. Um exem-



Façam uma lista das entidades existentes em sua cidade, similares aos exemplos dados. Há metodistas que contribuem nelas? Partilhem experiências. A Igreja já fez trabalhos em parceria com elas? Como foi?

plo foi a Campanha contra a Fome e a Miséria, deflagrada no início dos anos de 1990, que permanece viva, em que muitos comitês até funcionaram e ainda funcionam em dependências de igrejas locais. Outros exemplos são a presença solidária da Igreja e de suas lideranças em manifestações reivindicatórias como as das famílias de trabalhadores que sofrem com as demissões em massa, os grupos de sem-terra e trabalhadores rurais que sofrem violência no campo; os moradores de favelas nas grandes cidades que sofrem com o domínio da máfia das drogas e com a violência policial e muitas outras situações que demandam uma presença da Igreja como aquela que sofre junto com o povo e deposita sua esperança na misericórdia de Deus para com o ser humano.

Assim fazendo a Igreja Metodista afirma crer que o mundo é de Deus e é cenário da Sua ação salvífica e redentora. Isto significa que Deus não age somente na Igreja ou só por meio dela, mas age no mundo inteiro, de diferentes maneiras, e que a Igreja tem que estar atenta a perceber as ações e grupos que existem em prol da justiça e da promoção da unidade da família humana, pois ali Deus está presente.

Entretanto, ao unirmos nossos esforços com essas pessoas e grupos na busca do bem comum, não podemos ignorar nossas diferenças nem os fatores que nos dividem. Ao

contrário, devemos afirmar que nosso envolvimento na luta pela justiça é decorrência natural da nossa fé e que nosso amor ao próximo é fruto do nosso amor a Deus. Devemos explicitar, também, que esse envolvimento é pautado pelos valores do Reino de Deus, o qual não se identifica plenamente com nenhum projeto humano. Desta forma, estaremos afirmando nossa liberdade em Cristo para exercer nossa crítica, não somente às estruturas desumanizantes da nossa sociedade, mas também a métodos de participação social ou política que, no nosso entender, são incompatíveis com os valores do Reino. Só assim estaremos compartilhando com eles os dons que recebemos de Deus e dando uma contribuição verdadeiramente cristã para a construção da unidade da família humana.

É neste sentido que dialogamos com outras expressões de fé: encontrando-nos com elas no que diz respeito aos grandes desafios da luta pela justiça, paz e integridade da criação seja em reuniões comunitárias, municipais ou em atos públicos. No que está além disso, nossa vocação cristã nos leva a ter uma atitude de respeito para com as outras tradições religiosas, entendendo que isto não implica participação em cultos e rituais inter-religiosos. Cremos que este é o melhor testemunho que podemos oferecer da presença de Cristo em nós.



Como é possível dar testemunho cristão mesmo trabalhando em locais e entidades nas quais a fé não está em foco ou é distinta da nossa? Como agir de modo respeitoso, sem abrir mão, porém, de nossos princípios fundamentais?



PONTOS PARA PENSAR
Estejam atentos/as às sugestões e orientações aqui apresentadas no seu relacionamento com entidades sociais diversas. Assim, podemos atuar com segurança e de modo equilibrado e coerente com a nossa fé.

Algumas atitudes a serem observadas nesses relacionamentos:

1. Entender que a nossa participação com esses organismos tem o caráter de participação cidadã. Portanto, todo cuidado em relação à religião é bem-vindo, pois alguns organismos dessa natureza não têm fundamento religioso;
2. Entender que a nossa participação em eventos de caráter social e cidadão que envolvem religiões não-cristãs não deve incluir participação em cultos e rituais religiosos, somente nos projetos e em atos públicos de promoção da vida;
3. Participar em eventos ou ações nesses órgãos requer que os/as irmãos/ãs participantes tenham segurança da sua identidade metodista, para que não se deixem levar por doutrinas e comportamentos estranhos ao nosso credo e fé (conforme Sermão 30, de John Wesley, já citado na página XX);
4. Envolver-se somente em eventos e ações que não deponham contra a fé cristã e nem contra a linha de conduta dos metodistas;
5. Ceder espaços metodistas, em qualquer área de administração, implica que o evento não contrarie a nossa tradição, decisões conciliares, documentos e orientação do Colégio Episcopal. A comunidade cedente deve ser favorável à realização do evento;

6. Buscar orientação com a autoridade eclesiástica superior (Pastor/a, Superintendente Distrital, Bispo/a) sempre que se tiver dúvidas nos parâmetros doutrinários e documentais que prejudiquem o julgamento do evento ou ação em que se pensar envolver.

COMO AS LIDERANÇAS METODISTAS NO BRASIL, CLÉRIGAS E LEIGAS, DEVEM SE POSICIONAR QUANDO FOREM CONVIDADAS/DESAFIADAS A PARTICIPAR DE REUNIÕES, CULTOS E CELEBRAÇÕES PÚBLICAS?

O ser humano é essencialmente social. Onde existe o ajuntamento de pessoas, existem também algumas regras que devem ser obedecidas para que o evento seja realizado. Como membros de Igreja vivemos também em outros espaços, de forma social, em festas, formaturas, aniversários de cidades, datas cívicas etc. Não é porque participamos destes momentos oferecidos pela vida relacional que deixamos de ser cristãos, que deixamos de dar testemunho da fé que abraçamos. Aproveitamos esses momentos para dizer/testemunhar quem somos, de modo que o nome do Senhor Jesus Cristo seja glorificado.

Como Igreja, ou individualmente, recebemos convites para participação em atividades comunitárias extraigreja como reuniões, atos públicos, cultos, celebrações, bem como para sua organização e promoção. Como nos posicionarmos quando formos convidados?



Este capítulo quer orientar as lideranças metodistas quanto à participação em eventos públicos.



Sua igreja já recebeu convites para participar de eventos, festas, desfiles, celebrações públicas, atos na Câmara Municipal ou na Prefeitura, passeatas e caminhadas? Como foi? Em que isso é relevante para o testemunho cristão?



Ao sermos convidados para participar, organizar ou promover eventos fora de nossos arraiais devemos proceder de acordo com a nossa crença, dando um bom testemunho.

A Igreja Metodista, como fruto de sua herança wesleyana, entende e exercita, conforme ensinam o Antigo e o Novo Testamento, a responsabilidade com o bem-estar integral do ser humano. Tanto que em seu Plano para a Vida e Missão são apresentados meios pelos quais podemos trabalhar para a promoção da vida, bastando somente observá-los e aplicá-los nos relacionamentos diversos da Igreja Metodista.

Logo, ao sermos convidados para participar, organizar ou promover eventos fora de nossos arraiais devemos proceder de acordo com a nossa crença, dando um bom testemunho. Como já mencionado no capítulo anterior, quando se tratar de cultos ou celebrações religiosas, nos envolvemos somente naquelas de cunho cristão. Já nas demais ações de cidadania e naquelas de cunho de ação social para promoção da vida e da paz estaremos sempre prontos a nos engajarmos.

Nos capítulos anteriores, fizemos menção de atitudes que devem ser observadas quando do relacionamento ou participação com outras igrejas cristãs, órgãos que trabalham pela unidade cristã, e também com aqueles governamentais e da sociedade civil. Entendemos que se devidamente observadas caminharemos bem, sem conflitos internos.

APÊNDICE: COMO A IGREJA METODISTA NO BRASIL DEVE SE RELACIONAR ESPECIFICAMENTE COM A IGREJA CATÓLICA ROMANA?

É fato na história do Metodismo, que o seu inspirador, John Wesley, manifestava publicamente crítica e oposição ao Catolicismo Romano com base em sua compreensão teológica. Uma exposição clara de sua posição pode ser observada na obra Um Catecismo Romano, fielmente extraído dos escritos aprovados pela Igreja de Roma: com uma resposta, publicado em 1756. Empregando o método de perguntas e respostas, Wesley faz a compilação de várias doutrinas e práticas católicas, expondo a visão evangélica em oposição - com base na Bíblia, nos Pais da Igreja e na razão Temas como Escritura e tradição, culto aos santos, devoção à Virgem Maria, salvação pelas obras, indulgências, purgatório, sacramentos, doutrina eucarística da transubstanciação, ministérios e sujeição ao papa, são tratados cuidadosamente por Wesley nesses escritos.

Esse caráter polêmico também é evidente nos Vinte e Cinco Artigos de Religião, preparados por Wesley, em 1784, a partir dos



Este apêndice procura resgatar historicamente o contexto em que John Wesley se posicionava em relação ao Catolicismo, criticando as questões doutrinárias divergentes, mas respeitando as pessoas em espírito de amor. É possível agir assim hoje?

Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra, para contribuir com as bases da organização do Metodismo nos Estados Unidos. Basta olharmos alguns títulos para confirmar essa constatação, por exemplo: Das obras de superrogação; Do purgatório; Do falar na congregação em língua desconhecida; Da oblação única de Cristo sobre a cruz; Do casamento dos ministros; etc. O conteúdo do material de outros artigos rejeitam, explicitamente, a posição tradicional do Catolicismo Romano, tais como: Dos sacramentos; Da Ceia do Senhor; De ambas as espécies. Este conteúdo é bem conhecido dos metodistas brasileiros pois está publicado nos Cânones da Igreja Metodista (2007, p. 35-45). Por sinal, este tom duro em relação à doutrina católica-romana, às vezes mais militante ainda, é mantido em diversas outros tratados, cartas e sermões, como também em diversos comentários constantes nas Notas Explicativas sobre o Novo Testamento.

John Wesley já havia tido a oportunidade de colocar em prática a sua peculiar interpretação do Evangelho, quando em visita à cidade de Cork, na Irlanda, enfrentou a fúria da população local contra os metodistas - majoritariamente católica romana (vale afirmar que os irlandeses tinham boas razões para não apreciar os cidadãos ingleses, entre as quais, destaca-se a opressão política e religiosa exercida pela Inglaterra). No entanto, o episódio não despertou, em Wesley, a ira

incontida contra a violenta perseguição, como se poderia esperar. Antes, a ocasião incentivou-lhe a redigir a conhecida Carta a um Católico Romano, um genuíno manifesto em favor da paz e do amor mútuo, bastante incomum naqueles tempos. De acordo com alguns intérpretes, trata-se de uma carta circular, aberta; dirigida, portanto, a todos os leitores católicos romanos. Além da primeira edição, em 1749, esse texto foi ainda reimpresso três vezes durante a vida de Wesley - no ano de 1750, em Dublin; no ano de 1755, em Londres; e na coleção, organizada em 1773, de suas Obras.

É interessante notar que, enquanto as discussões teológicas, tanto ontem quanto hoje, tendem a se concentrar nos pontos em que existem divergências, Wesley procura fixar a sua atenção naquelas áreas fundamentais onde a concordância inspira o testemunho cristão. Nessa perspectiva, o último parágrafo da Carta a um Católico Romano estabelece as exigências que o caminho do amor irrefutavelmente requer. Com a ajuda de Deus, protestantes e católicos devem tomar a firme resolução de:

1. não ferir-se mutuamente, guardando a regra áurea;
2. não falar de forma áspera e inamistosa um do outro, empregando sempre a linguagem do amor;



Enquanto as discussões teológicas, tanto ontem quanto hoje, tendem a se concentrar nos pontos em que existem divergências, Wesley procura fixar a sua atenção naquelas áreas fundamentais onde a concordância inspira o testemunho cristão.



PONTOS PARA PENSAR
Wesley pregava o diálogo e o respeito, apesar de ter sofrido perseguição de sua própria igreja, reações agressivas dos católicos romanos irlandeses e vivido desentendimentos dentro do próprio movimento metodista.

3. não cultivar pensamentos descaridosos ou manter um espírito armado contra o outro, rejeitando qualquer atitude oposta ao terno afeto;

4. empenhar-se, ao máximo, para auxiliar o outro a prosseguir na vida de santidade.

Antes de assinar "*Vosso servo amistoso, pelo amor de Cristo*", Wesley combina, ainda, seis breves citações de cartas paulinas que reforçam o tom geral desta carta circular (§ 17). Infelizmente, nenhuma resposta categórica do lado católico romano foi formulada, pelo menos, não há registro de que isso tenha ocorrido. Porém, o mais importante a ser destacado é que a atitude de Wesley tornou-se decisiva para estimular, entre os metodistas, uma abertura teológica - aliada, é verdade, à intensa convicção com respeito à própria identidade - que, raramente, encontramos. Essa convicção foi que levou o líder metodista a redigir outros textos também bastantes críticos em relação aos católicos romanos.

São estas bases wesleyanas que têm tornado possível que metodistas e católicos em muitos lugares do mundo estejam em diálogo e em unidade em torno de causas comuns. Tornou possível também que o Concílio Mundial Metodista, em sessão plena em Londres, em 1966, aceitasse o convite do Vaticano para iniciar um diálogo formal em torno das questões doutrinárias e teológicas das duas tradições. Foi criada então a Co-

missão Conjunta de Diálogo Católico Romano-Methodista, cuja primeira reunião aconteceu em 1967.

Já no Brasil, esta história tem "altos e baixos", pois o relacionamento entre a Igreja Metodista, as demais Igrejas Evangélicas, e a Igreja Católica Romana é marcado por controvérsias e sérios impedimentos, especialmente por conta de doutrinas como a devoção a Maria, aos santos, a primazia de Roma e a infalibilidade Papal. Entendemos, porém, que grande parte das dificuldades enfrentadas é devida às mútuas barreiras e preconceitos levantados entre os dois grupos desde o início da presença evangélica no Brasil.

Reconhecemos que o catolicismo não constitui uma realidade monolítica, homogênea. Ao contrário, a Igreja de Roma abriga, na atualidade, tendências, comportamentos e concepções as mais diversas. Não obstante a isto posturas, documentos, orientações e posições teológicas de Pontífices Católicos têm deixado clara uma atitude exclusivista como a afirmação: "*Existe portanto uma única Igreja de Cristo, que subsiste na Igreja Católica, governada pelo Sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele*" (Declaração Dominus Iesus sobre a Unicidade e a Universalidade Salvífica de Jesus Cristo e da Igreja, par.57).

É fato que o Concílio Vaticano II (1961-1965) - que impôs séria revisão da teoria e prática católicas, adequando-as ao chamado

mundo moderno, incluindo aí a sua postura com relação às outras igrejas cristãs - exerceu uma função significativa nesse processo de relacionamento. A partir daquele Concílio, algumas pessoas e Igrejas, entre elas a Metodista, aproximaram-se dos católicos romanos na esperança de desenvolver canais de diálogo e caminhos para o testemunho conjunto. As opções pastorais da Igreja Católica Romana na América Latina, sobretudo o seu interesse renovado pela leitura da Bíblia bem como a sua ênfase prioritária no trabalho ao lado povo empobrecido, facilitaram a comunicação com os evangélicos. A cooperação entre ambos os grupos, em diversos campos de atuação, foi, então, acentuada, resultando na criação de diversos organismos, tais como a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços, 1973) e o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, 1982).

Nessas organizações, metodistas e católicos romanos, unidos a outros cristãos, procuraram vivenciar a sua fé comum no Evangelho. Convém também lembrar que, mesmo na fase anterior ao Vaticano II, ainda em tempos de acirrada contraposição, membros de Igrejas evangélicas e católicos romanos chegaram a viver experiências de amizade e comunhão que deram fundamento e direção às novas práticas.

Porém, na história do nosso país e sua cultura e a presença hegemônica do catoli-

cismo por mais de três séculos deixaram marcas que ainda dificultam a compreensão e o relacionamento em unidade cristã. Em algumas partes do Brasil, isso é visivelmente presente, não só para os evangélicos, mas também para muitos católicos. Outro elemento importante que não podemos desconsiderar são os processos históricos onde os conflitos entre protestantes e católicos se tornaram inevitáveis caracterizando intolerância, polêmica e, até mesmo, violência física. Episódios de hostilidade, com casas e templos evangélicos sendo apedrejados além de variadas formas de constrangimentos e preconceito, ocorreram com frequência indesejável e deixaram marcas e mágoas, as quais muitos metodistas não conseguiram superar e outros herdaram, tendo cultivado por vezes sentimento de rancor e revanchismo resultante deste processo.

Até os dias de hoje, em certas regiões, não há qualquer disposição por unidade da parte da hierarquia católica, que tende a tratar os metodistas de forma sectária e discriminatória. Não podemos ignorar os contextos em que nossas igrejas estão localizadas: há núcleos de maior ou menor confronto, de resistência e de assimilação. No mapa do Brasil há uma área geográfica que compreende o "miolo" que passa pelo Piauí até o Rio Grande do Norte e desce em linha reta terminando no sul de Minas e no Norte de São Paulo, chamada "área de resistência



Reconhecemos que nossa associação a organismos ecumênicos, aos quais a Igreja de Roma também se associa, causou questionamentos por parte de um número considerável de metodistas, por conta deste contexto social e histórico, particularmente entre membros de nosso corpo pastoral.

católica". Essa área engloba ainda a Zona da Mata Mineira e grande parte do norte do Rio de Janeiro e o norte do Espírito Santo. Nessa faixa se localizam somente bolsões de evangélicos - 91% de população é católico-romana e várias não têm presença de igrejas evangélicas (conforme JACOB, César Romero, et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo/Brasília: PUC-Rio/Loyola/CNBB, 2003).

Reconhecemos que nossa associação a organismos ecumênicos, aos quais a Igreja de Roma também se associa, causou questionamentos por parte de um número considerável de metodistas, por conta deste contexto social e histórico, particularmente entre membros de nosso corpo pastoral.

Percebemos também que estes questionamentos resultaram também de muitos equívocos foram ocorrendo, ao longo do tempo, como a aprovação (com divisão) da entrada da Igreja Metodista nos organismos em que a Igreja Católica integrava; a ênfase de lideranças metodistas em praticar unidade com a Igreja Católica com desconsideração de processos históricos e do contexto de igrejas locais; a falta de orientação da liderança sobre a unidade cristã; a falta de posicionamento de lideranças eclesiais diante da aproximação de algumas organizações ecumênicas com outras expressões religiosas, fato que gerou incômodo entre muitos membros da Igreja.

Nestes processos não houve aprofundamento, orientação, esclarecimento e diálogo sobre o tema com nossas igrejas locais, apesar da Carta Pastoral sobre Ecumenismo elaborada em 1999. Tudo isto, somado ao contexto acima descrito, culminou na decisão do 18º Concílio Geral, realizado em Aracruz, 2006, de a Igreja Metodista "se retirar do CONIC e demais órgãos ecumênicos com a presença da Igreja Católica Apostólica Romana e grupos não-cristãos". A decisão demonstrou que há uma crise no relacionamento e na prática institucional com a Igreja Católica.

Verifica-se que precisamos amadurecer, aprofundar e aprender, com humildade, verdade, amor e comunhão, o nosso relacionamento com a Igreja Católica, fundamentados em nossa compreensão das Escrituras e em nossa herança wesleyana.

Portanto, estamos deixando de participar de organismos ecumênicos aos quais a Igreja Católica está vinculada oficialmente, por entendermos que ainda não foi possível um acordo. Nosso relacionamento se dará no dia a dia de modo interpessoal e no atendimento às demandas comunitárias, respeitando-se as orientações quanto às atitudes a serem observadas no relacionamento com outras igrejas cristãs (conforme os capítulos específicos desta carta quanto ao tema).



*Verifica-se que
precisamos
amadurecer,
aprofundar e
aprender, com
humildade,
verdade, amor e
comunhão, o
nosso relaciona-
mento com a
Igreja Católica,
fundamentados
em nossa compre-
ensão das Escritu-
ras e em nossa
herança
wesleyana.*

Como metodistas, caminharemos fazendo o que Jesus fez, amando todas as pessoas independentes do seu credo religioso, pregando o evangelho, respeitando as diferenças e no que depender de nós viver em paz com todos, e acordando que caminharemos de modo diferente buscando em tudo glorificar "*ao único Deus sábio, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos*" (Romanos 16.27).

GLOSSÁRIO

DIÁLOGO - "troca ou discussão de ideias, de opiniões, de conceitos, com vistas à solução de problemas comuns, ao entendimento ou à harmonia; comunicação" (Dicionário Aurélio), portanto, no que diz respeito à dimensão ecumênica, é o meio pelo qual nos relacionamos com outras igrejas cristãs e com segmentos que promovam a vida, a paz e a justiça.

RESPEITO E TOLERÂNCIA - considerar a existência de modos de pensar, sentir e agir que são diferentes dos nossos e tolerar o outro em suas particularidades, amando-o apesar das diferenças.

UNIDADE - "aquilo que, num conjunto, numa espécie, forma um todo completo" (Dicionário Aurélio), neste sentido, quando nos referimos à fé falamos de unidade entre cristãos/ãs porque a unidade cristã "procede do Senhor Jesus e é realizada por meio do Espírito Santo, pela rica diversidade de dons, ministérios, serviços e estruturas que possibilitam aos cristãos trabalhar em amor". (Plano para Vida e Missão).

CULTO - é o serviço que a igreja reunida em nome do Senhor Jesus Cristo presta a Deus, em resposta ao seu amor, na forma de adoração, confissão, louvor e ação de graças, edificação e dedicação. Representa o envio de todos/as para o cumprimento na missão na forma de ações compromissadas com a vida e a dignidade humana.

